

## “A MENINA DA BOÊMIA”: ESPAÇO DE LEMBRANÇAS, ELO ENTRE PERSONAGENS E PAISAGENS

“THE BOHEMIAN GIRL”: A SPACE FOR MEMORIES, THE LINK BETWEEN  
CHARACTER AND LANDSCAPE

Fátima Leonor Sopran\*

**Resumo:** O texto objetiva analisar o conto “The Bohemian Girl” (1992), de Willa Cather, a partir da ideia que se constrói de espaço como lugar de pertencimento ao local, estabelecendo um elo entre espaço, paisagem e ser humano. A autora identifica o espaço como principal elemento capaz de provocar lembranças. Na ótica de Tavares (2010), “lugares” não são apenas “espaços” são, na verdade, locais onde o ser humano comunga sentimentos e constrói seu espaço particular e em comunidade. Nessa perspectiva, caminham as personagens que fazem parte da história. No conto, a autora apresenta a trajetória de uma família de imigrantes que saíram de Boêmia para o estado do Nebraska. O conto é exemplo do interesse da escritora norte-americana, pela natureza e pela paisagem, aspectos com os quais as suas personagens se defrontam em terras do novo mundo. O narrador do texto descreve poeticamente o espaço da família Ericson; interpreta, por meio das lembranças, a relação das personagens com a terra denotando um forte sentimento pela natureza. Para análise utilizou-se as teorias de Borges (2009), Alves (2006-2013), Besse (2006), entre outros. Os autores contribuem para a abordagem do espaço na narrativa e para a definição e significação do espaço geográfico no texto literário.

**Palavras-chave:** espaço; lembranças; personagens; paisagem

**Abstract:** The aim of this paper is to analyse the short story “The Bohemian Girl” (1992) by Willa Cather, starting from the idea that a space is constructed as place of belonging to the place establishing a link between space, landscape and being human. The author identifies space as the main feature capable of producing memories. From Tavares’ (2010) perspective “localities” are not only “spaces;” they are actually places where human beings share feelings and build their own space and community. The characters that make up the story walk forth from this perspective. In this story, the author presents the path of a family of immigrants who left Bohemia to come to Nebraska. The story is an example of the American writer’s interest for nature and the landscape, features her characters faced in the new world. The narrator’s text describes the Ericson family’s space poetically. She interprets, through their memories, the relationship of the characters with the land, denoting a strong sentiment for nature. We used the theories of Borges (2009), Alves (2006-2013), Besse (2006), among others to perform our analysis. These authors have contributed to the approaching space in the narrative and to the definition and significance of geographical space in the literary text.

**Keywords:** space; memories; characters; landscape

\* UNEB – Universidade do Estado da Bahia- Brasil. E-mail: [flsopran@gmail.com](mailto:flsopran@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe a analisar o conto “The Bohemian Girl”, de Willa Cather, considerando o espaço físico e psicológico elemento importante na narrativa, capaz de representar a marca de pertencimento do homem ao lugar, ou ainda, que por meio de recordações as personagens constatarem que os ambientes dos quais fizeram parte não deixam de rondar suas vidas, até mesmo se já não pertencerem mais ao local, o que não impede de reconstruí-las em outros espaços com o mesmo apego de antes.

Para tanto, este estudo se apoia em vários teóricos, tais como Borges Filho (2009), Alves (2006-2013), Besse (2000), Foucault (2001), Bachelard (1996), Meining (1979), Lins (1979), entre outros.

A palavra paisagem como espaço, que faz parte da existência do ser humano, vem sendo discutida desde o século XIX. Cabe dizer que essa paisagem inspira o escritor que, por sua vez, vê-a conforme a sua ótica, sua imaginação e seus sentimentos. E Cather, em “The Bohemian Girl”, retrata esta paisagem como espaço religioso e suas personagens percorrem-na e se apropriam dela.

Segundo Besse “a paisagem é expressão, e mais precisamente, expressão da existência.” (2006, p. 70) uma vez que só se desenvolve a noção de paisagem quando se vive nesse espaço. O conto “The Bohemian Girl” confirma esta característica quando apresenta o local vivido pelas personagens e porque todas valorizam os lugares por onde passaram.

Neste conto, “às vezes uma paisagem parece ser menos um cenário para a vida dos seus habitantes do que uma cortina por trás da qual suas lutas, seus marcos na paisagem não são mais geográficos, mas também biográficos e pessoais”. (BERGER, 1988 citado por COSGROVE, 1998, p. 285).

Em “The Bohemian Girl”, as personagens se reconhecem na paisagem. A história de cada uma delas ocupa um espaço de lembranças e suas relações estão em constante evolução. Ainda que aconteça certa resistência por parte de muitas personagens, Clara Vavrika e Nils Ericson tentam reconstruir suas vidas em outro espaço, com lembranças, mas em busca de novos caminhos.

Desta forma, percebe-se que “a paisagem significa uma maneira de ver e de compor o mundo. [...]” (FEITOSA, 2010, p. 164). Willa Cather caracteriza o espaço, pradarias do novo mundo, como um lugar de construção, onde as ações de suas personagens formam a paisagem. Nessa concepção, encontram-se Nils Ericson e

Clara Vavrika. Ele representa o homem aventureiro, ousado. Já a protagonista, as mulheres de opinião, também não tem medo de ousar, mesmo que isso seja uma opção perigosa e cara para ela e para seu grande amor.

## LUGAR COMO PERTENCIMENTO

*“a paisagem está fundeada na vida humana, não é algo para ser olhado, mas algo para nele viver.”  
(MEINING, 1979, p. 228)*

O pertencimento a um lugar se dá no elo do ser humano com a natureza. Esta ligação com a terra está presente na figura da matriarca, senhora Ericson, e também na figura dos protagonistas, Clara e Nils. Para eles, o importante é cultivar a identidade, embora se desvinculem dos lugares e acontecimentos de outrora. O amor à terra não está atrelado só a um lugar ou a um passado, mas a uma nova construção; o que proporciona a oportunidade de criar vínculos em outras paragens.

As personagens que percorrem o conto “The Bohemian Girl” são construídas de tal maneira que demonstram ser o espaço algo muito importante em suas vidas. A paisagem do lugar é descrita no decorrer da narrativa como “estrada empoeirada vale acima e de pradarias altas, onde o trigo amarelado resistia à luz forte do sol”. (CATHER, 1992, p. 90, tradução nossa).

Nesse ponto, o narrador faz referência ao lugar que representa a dureza de uma terra árida. A propriedade, a casa, o lugar são detalhados de tal modo que se nota o comprometimento com esse espaço que até parece sagrado.

Em um dos últimos cumes escarpados, no final de uma estrada de ramificação, havia uma casa sombria com um telhado de zinco e varandas duplas. Atrás da casa estendia-se uma fileira de álamos [...] e para baixo da encosta à esquerda, a casa afasta-se dos galpões e estábulos [...]. (CATHER, 1992, p. 90, tradução nossa)

Finalmente, Nils estava a casa, o lugar traz memórias do passado, da infância, da juventude, e a personagem estava na iminência de rever tudo - a imagem da casa, daquele espaço que comporta todos os sentimentos, bons e maus.

A imagem de casa que se liga a aconchego, a carinho, como “ninho que protege”, tem para cada um de nós uma arquitetura particular. O símbolo está, por isso, ligado a estruturas mentais, a esquemas afetivos, a formações inconscientes que recuperam o objeto, não por

aquilo que ele é, mas por aquilo que sugere, insinua. Por esse processo, casa pode ser vista como lugar sagrado, como a morada dos deuses, como a possibilidade de recuperação da infância. (CHEVALIER e GEERBRANT, 1969 citado por WALTY, 2001, p. 103)

Nesta narrativa, a casa da Sra. Ericson é, para Nils, não só um espaço carregado de lembranças de afeto, mas também de dureza. O narrador descreve com propriedade a casa e o caminho percorrido pela personagem. Corroboram seus sentimentos com o que menciona Ecléa Bosi (1987) quando diz conquanto haja lembranças isso não significa reviver, mas reconstruir o presente, baseando-se nas experiências passadas. No caso, a memória é um processo de reconstrução do afeto e também de algumas discórdias.

O narrador avisa sobre o passado amoroso de Clara e Nils e coloca em seu relato uma dose de poesia, o que faz com que o texto seja marcado por uma prosa poética. Este passado volta na noite escura como um *flash* de um tempo que, de repente, pode vir à tona. O vulto que passa a cavalo é o de Clara Vavrika, a verdadeira menina de Boémia. Essa visão de Nils foi “como um detalhe inevitável da paisagem”. (CATHER, 1992, p. 93, tradução nossa). Porém marcou outra vez sua vida, levando-o a recordar o que acontecera. Tem-se assim, a confirmação de que o espaço da memória pode se presentificar mais uma vez.

O trecho abaixo mostra bem esta situação.

Quando Nils cruzava o riacho seco, ouviu o galope agitado de um cavalo que vinha descendo a colina. Instantaneamente, ele passou para fora da estrada e ficou atrás de uma moita de arbustos de ameixas selvagens que cresciam no leito de areia. Espiando através do crepúsculo, sob uma réstia de luz viu um cavalo de rédea curta, descendo a colina numa caminhada afiada. A amazonas era uma mulher esbelta – pouco visível contra a encosta escura – vestindo um antiquado chapéu derby e uma saia longa de equitação. Ela parecia estar levemente sentada na sela, com seu queixo alto olhava a distância. Quando passou pela moita de ameixas seu cavalo empacou e assustou-se. Ela golpeou-o, puxando-o com força, com uma exclamação de raiva, -“Blazne!”. Uma vez na estrada principal, ela afasta-se a galope, e logo emergiram sobre a crista das terras altas, [...] a silhueta que contra a banda de cor tênue que pairava no oeste. Este cavalo e cavaleira, com seu galope livre e rítmico, eram as únicas coisas que se viam a deslocarem-se na face do lugar plano. Eles pareciam na última luz triste da noite, não estar lá acidentalmente, mas como um detalhe inevitável da paisagem. (CATHER, 1992, p. 92-93, tradução nossa)

A descrição do vulto de mulher que passa pelo caminho do protagonista caracteriza a percepção subjetiva da paisagem em “The Bohemian Girl” e o teor

poético da prosa de Cather. Cavalo e cavaleira parecem um detalhe inevitável da paisagem. Identifica-se, por esse ponto de vista, a figura da mulher imbricada à paisagem.

[...] a paisagem é percebida geograficamente, não como um mundo único e objetivo, mas sim, em termos de uma percepção que busca interpretar a integralidade do sentido de espaço/mundo vivido, como também daquilo que constitui a natureza especial das atitudes e intenções humanas, envolvidas nas dimensões da experiência. (FERREIRA, 1990, p. 160)

Mais uma vez é possível observar que a paisagem faz parte do “espaço/mundo vivido” pelas personagens. Atos, lembranças e sentimentos são elementos que não se dissociam dela. Um bom exemplo é o sentimento de Clara que perpetua o passado com seu amado Nils e ele, quando chega à propriedade da sua mãe, observa à distância a cozinha da casa e repassa a época da infância, quando aquele lugar serviu de sala de dança para seus irmãos mais velhos. Tudo volta à memória, agora está prestes a recomeçar.

No diálogo que a personagem trava com sua mãe, o narrador apresenta a reflexão feita pela progenitora: - “Bem, acho que temos de sentir a falta das coisas de um modo ou de outro. Talvez você esteja satisfeito com seus próprios afazeres agora como estaria com uma fazenda” Disse a Sra. Ericson, “tranquilamente.” (CATHER, 1992, p. 96, tradução nossa) A fala da matriarca é para mostrar ao filho que a vida é feita de escolhas, nem sempre fáceis, mas pior é não escolher. E ainda sem medo das consequências.

Portanto, “The Bohemian Girl” passa a ideia de espaço como pertencimento. As personagens vivem o local, seu espaço é belo e sagrado. O lugar é marcado como um espaço de silêncio, de reflexão, de amor.

“The Bohemian Girl” descreve também o espaço literariamente como um elemento abstrato que proporciona sentimentos às personagens. A personagem Nils vive o esplendor da paisagem que parecia transcender a vida humana. Ele conserva o amor pela terra, sem a pretensão de tê-la como propriedade, pois como disse sua mãe, nunca estará contente amarrado à terra. Havia sangue de andarilho na família de seu pai e Nils herdou. Mesmo assim, recordava o espaço onde viveu e o mantinha como uma parte dele que ficou para trás.

Neste sentido, deve-se lembrar o que diz Unamuno (2006), de que o ser humano não só faz parte da paisagem de um lugar, como também está inserido nela.

E assim se percebem as personagens em “The Bohemian Girl”. Além da protagonista Clara Vavrika, Nils e sua mãe, a matriarca da família, também vivem o lugar, sua trajetória se condensa no administrar, no cuidar. Sua personalidade forte e ágil enfrenta os obstáculos e suporta os embates com dureza.

Parafraseando Alves (2013) a relação com a terra não quer dizer fixar-se num lugar; mas partir de determinado lugar para dar sentido ao mundo, para compreender a experiência concreta da vida. Assim, constata-se que no conto “The Bohemian Girl”, Cather procurou descrever a trajetória da personagem que partiu de certo espaço a fim de recomeçar e dar significado à sua vida.

O narrador, ao descrever o espaço dos imigrantes, apresenta a paisagem como parte das personagens. O lugar composto de terra árida, poeira, as plantações, o rio, o clima seco, o sol escaldante e a sombra das árvores frutíferas que amenizam o clima e os corações fazem parte desse novo ambiente. Compara ainda o jardim dos Ericson’s ao da propriedade do Sr. Joe, pai da protagonista, Clara. O jardim é descrito juntamente com o pomar, as cerejas e groselhas são produções daquela região e fazem parte daquele lugar.

Portanto, Alves reconhece que:

O jardim, literal e metaforicamente, é ainda a representação do espaço ideal; esse é ainda um local onde o diálogo entre a naturalidade e a abstração materializa a condição humana. É, em suma, um local que dirige o olhar para a generosidade da terra: para a beleza e para o fruto. (2006, p. 21)

Esse “espaço ideal” abordado por Foucault (2001), quando vê o jardim como produto dos sonhos e desejo de felicidade é observado também na descrição do narrador. Assim Foucault explica a ideia de espaço feliz.

O jardim tradicional dos persas era um espaço sagrado que devia reunir dentro do seu retângulo quatro partes representando as quatro partes do mundo [...] Quanto aos tapetes, eles eram, no início, reproduções de jardins. O jardim é um tapete aonde o mundo inteiro vem realizar sua perfeição simbólica, e o tapete é uma espécie de jardim móvel através do espaço. [...] (p. 418).

Alguns trechos do conto “The Bohemian Girl” ilustram bem a concepção que Alves (2006) e Foucault (2001) apresentam quando se referem aos jardins. O narrador aponta para a existência dos jardins nas propriedades. Mostra-os no conto como a representação de um espaço aconchegante, onde as personagens circulam. As

lembranças também anunciam que o ser pertence à natureza, pode falar com ela e senti-la. Quando do retorno de Nils, os irmãos relembram como falavam com a natureza. E Eric diz que as folhas continuam falando com ele.

A narrativa apresenta trechos poéticos que estabelecem relações entre os espaços vividos, as sensações auditivas e os sentimentos das personagens.

Para Alves “O jardim é memória e arte. Memória do indivíduo, do país, do coletivo da humanidade; arte porque prende o caos e devolve a ordem”. (2006, p. 26)

Identifica-se esta concepção de mundo quando Nils e seu irmão demonstram que as lembranças estão vivas em suas memórias. Também se remete à concepção de Mia Couto em seu texto “As vozes da Foto”, quando diz que: “a imagem é tanto mais bela quanto ela for auditiva, evocando sonoridades do momento.” (2008, p. 75)

Ou ainda com Mia Couto quando escreve em “Águas do meu Princípio:

A cidade não é um lugar. É a moldura de uma vida. A moldura à procura de retrato e é isso que eu vejo quando revisito o meu lugar de nascimento. Não são ruas, não são casas. O que revejo é um tempo, o que escuto é a fala desse tempo. Um dialeto chamado memória, numa nação chamada infância. (p. 145)

Observa-se que as lembranças de Eric e do irmão Nils, quando o primeiro diz que as folhas continuam falando com ele, evocam esse sentimento de retorno ao passado, de lembranças que não querem calar.

Neste sentido, a escrita de Willa Cather, diz Alves, “ilustra a influência que o(s) lugar (es) exerce (m) sobre a imaginação humana.” (2006, p. 23). O lugar, espaço ocupado pelas personagens, por meio das rememorações e da imaginação, trazem ao presente um passado que permanece vivo nos corações. O espaço presente pode influenciar as lembranças: arte da música, o tocar flauta, o tocar piano, o dançar e o sentir-se feliz são os antigos hábitos da família de Clara. A identidade dessa família foi sempre preservada. Tais hábitos que o pai de Clara tenta cultivar, mesmo depois de muitos anos e de muitos episódios sofridos pela família.

A protagonista, Clara Vavrika, também não deixou o hábito de tocar piano, embora casada com um homem indolente, ela mantém seu gosto, assim como seu antigo amado Nils pela flauta.

A personagem Nils rememora sua infância e a casa alegre do pai de sua cunhada Clara Vavrika, espaço que lhe trouxe boas lembranças. Esse lugar promoveu alegria, pois lá todos viviam com moderação, sabiam dosar trabalho e lazer, o que não

acontecera na casa de seus progenitores, os quais viviam exclusivamente para o trabalho.

Osman Lins (1976, p.76) confirma esta lembrança de Nils sobre o espaço. “Há casos em que o espaço justifica-se pela atmosfera que provoca.” A personagem não deixou de lembrar o espaço que lhe provocou uma atmosfera agradável no passado e continua a provocar no presente. Observa-se também essa ideia em Bachelard quando diz sobre o espaço casa.

É preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num “canto do mundo”. Porque a casa é o nosso canto do mundo. Ela é como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmo. [...] Os verdadeiros pontos de partida da imagem, se os estudarmos fenomenologicamente, revelarão concretamente os valores do espaço habitado, o não-eu que protege e o eu. [...] Todo espaço real habitado traz a essência da noção de casa. (1996, p. 23-25)

No caso do texto “The Bohemian Girl”, a casa que provoca aconchego é a casa em que se instala a felicidade, e não é a casa da matriarca. Ainda assim, no início da narrativa, a casa da progenitora é detalhada e este espaço traz boas lembranças.

O narrador expõe a concepção de Nils sobre o que seria uma casa feliz. Assim diz a sua mãe: “Você nunca se deu ao trabalho de descobrir o que era para uma criança uma casa alegre!” (CATHER, 1992, p.19, tradução nossa)

Sua mãe era uma mulher dura, teimosa, não conhecia diversão. Era assim sua personalidade, não entendia a alegria da família de Clara Vavrika. Nessa perspectiva, legitima-se a concepção de Meining (1979), no diálogo entre Nils e a mãe, de que o lugar pode afetar e deixar lembranças.

Nesta visão, cada paisagem é uma localidade, uma peça individual no infinito mosaico variado de terra. Tal espectador começa por ser ao mesmo tempo abrangente e ingênuo: porque engloba todos a aceitar tudo o que vê como sendo de algum interesse. É paisagem como meio ambiente, abraçando tudo o que vivemos no meio, e, portanto, cultiva uma sensibilidade ao detalhe, à textura, cor, todas as nuances de relações visuais, e mais, para o ambiente envolve todos os nossos sentidos, os sons e cheiros e sensação inefável de um lugar assim. (p. 45)

Willa Cather apresenta personagens dóceis, duras, teimosas, indolentes. Todas trazem lembranças e carregam fortes ligações com o espaço onde viveram e

vivem. A narradora descreve o espaço da casa dos Vavrika's como aconchegante para amigos e visitantes.

A casa de Vavrika era, por assim dizer, nos fundos do salão de seu quintal próximo ao rio. O jardim entre os dois edifícios estava encerrado por uma alta cerca de tábuas, [...] no verão Joe mantinha mesas para cerveja e bancos de madeira entre as groselhas e sua pequena cerejeira [...] (CATHER, 1992, p. 109, tradução nossa)

No decorrer da narrativa, há lugares que remetem ao passado, espaços de rememoração. Na descrição acima, Cather mostra a personagem Nils na casa do pai de Clara, detalha a paisagem que compõe o lugar; o rio, o jardim, as árvores frutíferas, as mesas e bancos, o espaço de lazer e de saudades. Encontra-se, assim, o aconchego. Ribeiro (1991) evidencia a ideia da importância da paisagem, não só no sentido estético, mas também quanto ao espaço físico, o lugar mostra um quadro de vida, um relato da terra que caracteriza o homem. Também a concepção de Simon Schama vem confirmar a presença da paisagem como “repouso para os sentidos” e como “obra da mente”. O autor menciona que a constituição da paisagem como formas de percepção humana é também de lembranças.

Pois, conquanto estejamos habituados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos distintos, na verdade eles são inseparáveis. Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camada de lembranças quanto de estratos de rochas. (1996, p. 17)

O retorno do “aventureiro” apresenta o ser humano se revestindo de novas perspectivas e apto a apreciar o lugar onde viveu em outros tempos. Essa volta faz com que Clara tome a decisão de se arriscar, abrir mão de sua vida confortável ao lado de Olaf, para o amor e uma vida de aventura. Porém, a protagonista fica insegura e reflete sobre sua situação de esposa e sobre o lugar a que pertence hoje.

Clara sentia como se não pudesse suportar a separação das suas velhas tristezas, de seu antigo descontentamento. Eles eram-lhes queridos, mantinham-na viva, faziam parte dela. Não restaria nada de Clara Vavrika se fosse arrancada para longe deles. Nunca poderia passar além da linha do horizonte contra qual a sua inquietação tinha que bater tantas vezes. Clara sentiu como se sua consciência tivesse construído um ninho lá naquele horizonte em que olhava todas as manhãs e todas as noites, e era querido para ela, inexplicavelmente querido. (CATHER, 1992, p. 128, tradução nossa)

No trecho acima, Cather demonstra o sentimento que a protagonista Clara Vavrika tem pelo espaço e pelas pessoas com quem se relaciona há anos. A personagem está de certa forma presa, enraizada naquele lugar, com aquela família, naquela situação de dependência. E isso tudo é muito precioso para ela, talvez o medo de enfrentar outro mundo a leve a refletir sobre a fuga com o amado. Mas, apesar desse sentimento, de seus olhos oblíquos, Clara lançou um olhar desafiador.

Os dois protagonistas desaparecem na sombra da noite para um novo horizonte, deixando para trás uma história que, de certa forma, marcou suas vidas. Já o irmão mais novo, Eric, está indeciso em deixar sua vida em Nebraska ao lado da Sra. Ericson, pois nem tudo que é certo para um pode ser para o outro. Eric tem outra concepção de vida, bem diferente de seu irmão “aventureiro”, a fuga não é tão simples para ele. O adolescente é muito consciente de tudo o que teria de abandonar. Tenta fugir, chega a embarcar no trem, vai encontrar seu irmão e a cunhada Clara, mas desiste no meio do caminho. Reflete sobre sua vida, ao lado de sua mãe, e o espaço onde cresceu, e isso o faz desistir.

Este comportamento de Eric confirma a ideia de Relph, de que o lugar se refere a um “tipo de experiência e envolvimento com o mundo, à necessidade de raízes e de segurança”. (1979, p. 17). Portanto, garante-se, a possível ligação desta concepção sobre “o espaço” com a escrita de Willa Cather.

A escritora consegue mostrar no conto “The Bohemian Girl” a relação que as personagens mantêm com o espaço onde vivem. Percebe-se que Olaf, Nils, Eric, Sra. Ericson, Clara Vavrika e Joe carregam a história do lugar, cada um à sua maneira. Essa vivência traz à tona que o “sentimento de pertencimento a um determinado lugar constrói uma introspecção de valores que condicionam o modo de vida dos indivíduos.” (SANTOS, 1994, p. 65). Todos possuem problemas que causam divergências e que afetam os relacionamentos e “o modo de vida” de cada um. O importante é procurar entender as características dos lugares, considerar não só os aspectos positivos que possibilitarão a construção da identidade, mas também as desavenças que surgem dos encontros e desencontros.

Na percepção de Tavares (2010), “lugares” não são apenas “espaços”, são, na verdade, locais onde o ser humano comunga com sentimentos e constrói seu espaço particular e em comunidade. Nessa perspectiva caminham as personagens que fazem parte do conto “The Bohemian Girl”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“The Bohemian Girl” (1992) é um conto que desenhou o espaço de cada personagem colocando-os em confronto com seu “eu”. As personagens procuram uma solução para se manter vivas, ativas, ligadas ao passado, dispostas a alimentar as lembranças, mas, antes de tudo, não deixar de desfrutar do presente, ainda que revivendo o passado por meio dos antigos hábitos de lazer como: ouvir música, cantar, tocar flauta, tocar piano e deixar o sentimento de amor ao espaço presente inundar seus corações. Este sentimento foi a representação de tudo o que as personagens de “The Bohemian Girl” perceberam, sentiram ou interpretaram no cotidiano do novo mundo. A paisagem, a natureza e, em particular, o jardim são apresentados como o espaço de cada um.

Esse amor pelos jardins nos remete ao sentimento dos protagonistas do conto, os quais recordam o passado por meio da paisagem, do jardim do Sr. Joe, pai de Clara, para, certamente, reviver momentos de felicidade e também de perdas que ocorreram, mas que, possivelmente, serão reconstruídos com mérito.

Fica claro que, na escritura de Cather, o espaço geográfico e o espaço das lembranças fazem parte de toda narrativa. É como se estivessem atrelados a cada personagem. Por meio desses espaços, ouve-se a natureza, como disseram os dois irmãos, Eric e Nils, em momentos poéticos vividos “- as folhas sussurravam à noite.” (CATHER, 1992, p. 97, tradução nossa)

Por fim, o conto se completa de forma inesperada. As personagens que, em princípio, pareciam planas tornam-se surpreendentes, dão respostas mais ousadas, estratégia que a escritora Willa Cather utiliza para instigar o leitor à percepção de novos caminhos para um desfecho de sucesso. Essa perspectiva foi possibilitada a Eric, personagem tranquila que, de repente, mostra-se eufórica com a possibilidade de partir, construir sua vida em outro lugar, mas no meio da viagem dá uma guinada e muda a opinião, retornando ao seio familiar. O que leva a crer que as escolhas, as decisões não são fáceis também na ficção. Ao que tudo indica, a fuga do casal de amantes não fora tão triunfante quanto a decisão contraditória de um adolescente.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Isabel. *Fragmentos de Memória e Arte os Jardins na Ficção de Willa Cather*. Lisboa: Edições Colibri, 2006.

\_\_\_\_\_. *Landscap: Inter-Relationships Between Place and Soul* Editora Limes: Cluj-Napoca, 2006.

\_\_\_\_\_. *Vozes Transmontanas na Paisagem. Paisagens de pedra e água na poesia de A. M. Pires Cabral*. Lisboa: FCSH/NOVA, 2013.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BESSE, Jean-Marc. *Ver a Terra: Seis Ensaio sobre a Paisagem e a Geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BORGES FILHO, Oziris. Espaço, Percepção Literatura. Borges Filho, O; Barbosa, S. In: *Poéticas do espaço literário*. São Carlos: Claraluz, 2009.

CATHER, Willa. "The Bohemian Girl." In: *Stories, Poems, and Other Writings*. New York: Library of America, 1992.

COSGROVE, Denis. *Social formation and symbolic landscape*. Madison: University of Wisconsin Press: Ateliê, 1998.

COUTO, Mia. *Pensatempos. Textos de Opinião*. Portugal: Editorial Caminho, 2008.

FOUCAULT, Michel. Outros Espaços. In: *Ditos & Escritos II – Estética: Literatura, Pintura Música e Cinema*, Trad. Inês Autran Dourado Barbosa, Rio de Janeiro: Florence Universitária, 2001.

FERREIRA, Solange T. L. *A percepção Geográfica da Paisagem dos Gerais no "Grande Sertão Veredas"*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1990.

FEITOSA, Antonio Cordeiro. *O conhecimento e a experiência como condição fundamental para a percepção da paisagem*. Alves, I. F.; Feitosa, M. M. M. In: *Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos*. Rio de Janeiro: Editora da UFF, 2010.

MEINING, Donald. *The Beholding Eye: Ten Versions of the Same Scene. The Interpretation of Ordinary Landscapes*. New York: Oxford University Press, 1979.

\_\_\_\_\_. In: *The interpretation of ordinary landscapes*. Oxford: University Press, p.11-32. 1979.

OSMAN, Lins. *Lima Barreto e o Espaço Romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

RELPH, Edwar. C. "As Bases Fenomenológicas da Geografia," In: *Geografia*, 4(7): 1-25. Abril, 1979.

RIBEIRO, Orlando. *Portugal: Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 6. Ed., 1991.

SANTOS, Milton. *Metamorfose do Espaço Habitado*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

TAVARES, Teresa. In: Terras e Letras: do 'lugar' and 'não-lugar' na obra de Edith Wharton (org.) ALVES, Isabel. *Lugar: Representação e Sentidos Estudos sobre a Literatura Norte-Americana*. Braga: Palmeira. Vila Real. CEL – UTAD. 2010, p. 43-74.

UNAMUNO, Miguel. *Paisagem Del Alma*. Madri: Alianza Editora, 2006.

WALTY, Ivete L. C.; FONSECA, Maria N. S.; CURY, Maria Z.F. 2 ed. *Palavra e Imagem: Leituras Cruzadas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 103.